

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: RETROSPECTIVA MFA  
25 e 29 de Maio de 2024

## CAMPANHA DE DINAMIZAÇÃO CULTURAL E ACÇÃO CÍVICA DO MFA NO PORTO /1975

Produção: Movimento das Forças Armadas / Cópia digital, preto e branco, legendado electronicamente em inglês / Duração: 6 minutos.

---

Uma reportagem filmada no Palácio de Cristal, no Porto, dando conta de uma ação de dinamização cultural do Movimento das Forças Armadas, com atuações da banda filarmónica da GNR, de um rancho folclórico, do cantor José Jorge Letria, e do guitarrista Carlos Paredes. Muito breve, sem nenhum traço que o distinga de uma reportagem resumida para apresentação em noticiário televisivo (mas felizmente sem qualquer espécie de narração off), vale pelo documento: das actuações de Letria e de Paredes, mostradas com alguma extensão dentro da brevidade do filme, mas também dos rostos da assistência, como num diálogo mudo, um “ping pong”, entre palco e plateia, onde se vislumbra alguma da intensidade daquela época.

L.M.O.

## LA TIERRA PROMETIDA / 1973 (*A Terra Prometida*)

Um filme de Miguel Littín

**Realização:** Miguel Littín / **Argumento:** Miguel Littín / **Fotografia:** Affonso Beato / **Direcção de Som:** José de La Vega / **Música:** Sérgio Ortega / **Anotação:** Constanza Racz / **Montagem:** Nelson Rodríguez / **Assistente de realização:** Pablo Perelman / **Interpretação:** Nelson Villagra (José Durán), Aníbal Reyna (Juan de Dios), Pedro Manuel Alvarez (Chirigna), Rafael Benavente (Don Fernando), Mireya Kulchewsky (Virgem), Carmen Bueno, Marcelo Gaete, Shenda Román, Roberto Parada, Rubén Sotoconil.

**Produção:** Cinematográfica Tercer Mundo (Chile), ICAIC – Instituto Cubano del Arte e Industrias Cinematográficas (Cuba) / **Produtor:** Hernán Littín / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, 35mm, cor, falado em espanhol com legendas em francês e legendagem electrónica em português e inglês, 110 minutos / **Estreia em Portugal:** Universal, 9 de Novembro de 1974

---

Esta que é a segunda longa-metragem de Miguel Littín bem se poderia chamar, em francês, “La terre est à nous”, evocando o título do filme colectivo propagandístico “**La vie est à nous**”, realizado por Jean Renoir. A expressão provoca-nos este eco porque surge em francês nas legendas desta cópia, e no momento em que é dita, não há como fugir à sua força, ao seu significado de intervenção, seja em que língua for. A carga política de se dizer “a terra é nossa” equivale aqui, para além do filme, a um grito de libertação que materializa a necessidade que certos cineastas chilenos tiveram de manifestar as suas posições contra as oligarquias nacionais e contra o imperialismo cultural. Miguel Littín, ao lado de Raúl Ruiz, Helvio Soto e

Patricio Guzmán, foi um desses cineastas, da chamada “primeira geração” do novo cinema chileno, cujo motor ideológico e militante originou trabalhos de marcada voz.

Mas voltemos à questão do título do filme (o verdadeiro), ele próprio uma expressão que esconde o teor político atrás de um conhecido termo religioso. **La Tierra Prometida** - que não é a terra prometida a Abraão mas sim a José Durán - é um filme banhado de iconografia e mitologia cristãs. Littín apropria-se de determinadas imagens “nascidas e criadas” no seio do imaginário popular, imagens, aliás, que também encontramos na literatura latino-americana, através da escola do realismo mágico de que, entre outros, García Márquez, Julio Cortázar e Jorge Luis Borges foram precursores. Esta breve referência literária não é de menosprezar. As imagens de **La Tierra Prometida** são imagens que já ‘espreitámos’ através de livros como *Cem Anos de Solidão*, imagens que trazem em si as marcas identitárias de uma cultura, as suas vivências e tradições. Ao olhar estrangeiro, ou ao espectador que não esteja familiarizado com uma estética tão enraizada na essência popular da América Latina, este registo de folclore pode suscitar uma sensação de *kitsch*, variável nas percepções individuais. Numa entrevista aos *Cahiers*, Littín diz que «o cinema não conseguia captar a riqueza complexa da realidade», parece ser então nesse sentido que, face às limitações do cinema, procurou nas relações simbólicas do imaginário popular os elementos estilísticos que catalisassem um dado discurso político, assente na luta de classes. Em **La Tierra Prometida** invertem-se ainda essas relações simbólicas: a Virgem dos pobres, crença que emerge por oposição a uma Virgem dos ricos (embora a figura seja a mesma), é tornada heroína das lutas que se vão empreender em nome da liberdade e da igualdade. Em vez de Deus (entidade promissora de Abraão), é a Virgem dos pobres quem promete a José Durán as terras de Palmilla, em aparições constantes e pictóricas ao longo do filme, remetendo-nos sempre para a ordem metafórica das coisas.

O que não é metáfora é o que de facto aconteceu. **La Tierra Prometida**, desmantelando a história oficial escrita pela burguesia, de acordo com os seus interesses, vai resgatar a verdade ocultada sobre o massacre de um grupo de camponeses de Ranquil que ocuparam os terrenos baldios de Palmilla, em 1932, após a queda do governo de Marmaduke Grove (12 dias). Este episódio sangrento, chamado à luz das consciências numa altura em que a história do Chile estava novamente a mudar o seu curso, com o golpe de Estado de 11 de Setembro de 1973, que depôs Salvador Allende, vem assim - quase - resgatar o espírito de efervescência dos ideais socialistas. Terminado em Julho, pouco antes do golpe de Estado, **La Tierra Prometida** não estreou no Chile; esse momento só veio a acontecer em 1991, dezoito anos depois.

Contudo, e é fundamental que se volte a este aspecto, o filme de Miguel Littín não se trata de um documento rigoroso, o seu propósito vai além das fronteiras da «realidade complexa»; é preciso vestir os acontecimentos de uma linguagem poética, encontrar a síntese da ideia e do espírito da luta, que vai desde os cânticos (autênticas palavras de ordem) que integram a diegese, passando pelas composições pictóricas de alguns planos, até à voz *off* orientadora da nossa percepção dos eventos através da mais simples das narrações, que nos é oferecida na voz de um camponês. A dado momento do filme, quase no fim, ouve-se a frase “esta guerra começa agora e não vai terminar nunca”. A guerra eterna é só uma: a luta de classes.

Em epílogo às esperanças goradas, uma Pietà ensanguentada e um canto com palavras de Che Guevara:

*Daqueles que se enganam, daqueles que não compreenderam bem,  
Daqueles que morreram sem ver a aurora,  
De sacrifícios cegos e não recompensados,  
Se fez também a Revolução.*

Inês Lourenço